

ECOMUSEU E AS SUAS REALIZAÇÕES  
NO DIA 12/11/2015

INAUGURAÇÕES de mais dois Núcleos do projeto de implantação do Ecomuseu Ilha Grande e da Exposição Certos Modos de Ser Caiçara marcam a partir de quinta-feira a Vila Dois Rios,

que passou incluir no seu cenário mais dois núcleos de valor histórico e atração turísticas, restaurados e inaugurados pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).



Inauguração: A Professora da UERJ, Catia Henriques Callado, iniciando a cerimônia de abertura do Museu Botânico.



A Sub-Reitora de Extensão e Cultura da UERJ e a Professora Catia Callado, inaugurando a placa de inauguração do Museu Botânico.

Esteve presente a Magnífica Sub-Reitora de Extensão e Cultura, Professora Regina Lúcia Monteiro Henriques, que veio representar o Magnífico Reitor Professor Ricardo Vieiralves de Castro. E, assim foi dada a largada na programação do dia doze, com uma breve solenidade de inauguração do Núcleo 2 (Museu Botânico), sob a coordenação da Professora Cátia Henriques Callado, constituído no antigo pátio interno (o Areião) como era chamado aquele local no tempo da extinta Penitenciária Cândido Mendes, demolida em 1994 por uma empresa especializada sem causar danos ao prédio da Lavanderia, antiga dessa prisão, que passa agora a ser a sede desse Museu, ele ocupa ainda parcialmente um espaço bom daquele pátio, onde atualmente abriga os escombros. Eram 11h30 da manhã quando aproximei observando o quarteirão todo do Cândido Mendes. O que no início se parecia com um ermo passeio a pé foi ganhando ares e adrenalina até que os sentidos se descolaram da ruína e ganharam o ar. Pelos minutos seguintes o que se via era a belíssima paisagem verde-escuro da primavera do centro-bucólico da Vila Dois Rios, rasgada por pedaços dos escombros do prédio da prisão ainda mais escuros. E, o que se ouvia era o barulho do mar e dava a impressão de que havia uma conversa animadíssima de alguém lá nos fundos. Uma conversa só interrompida por ela mesma – para cantarolar alguma música predileta que surgisse no fundo do sistema selvagem formado no entorno. Um suspense que vinha direto ao ouvido que conectava tudo por perto.

Com algumas passadas mais largas, deixava pra trás o primeiro pátio, menor recinto, em direção à área reservada aos prisioneiros antigamente, um pequeno paraíso na extensão do Muro da Penitenciária, tomada pela vegetação da Mata Atlântica. Pelos próximos momentos ficaria imerso num rico ambiente de vida silvestre e vegetal, conhecendo o fascinante equilíbrio entre abundância de alguns recursos e escassez de outros que só um lugar tão ermo pode oferecer.

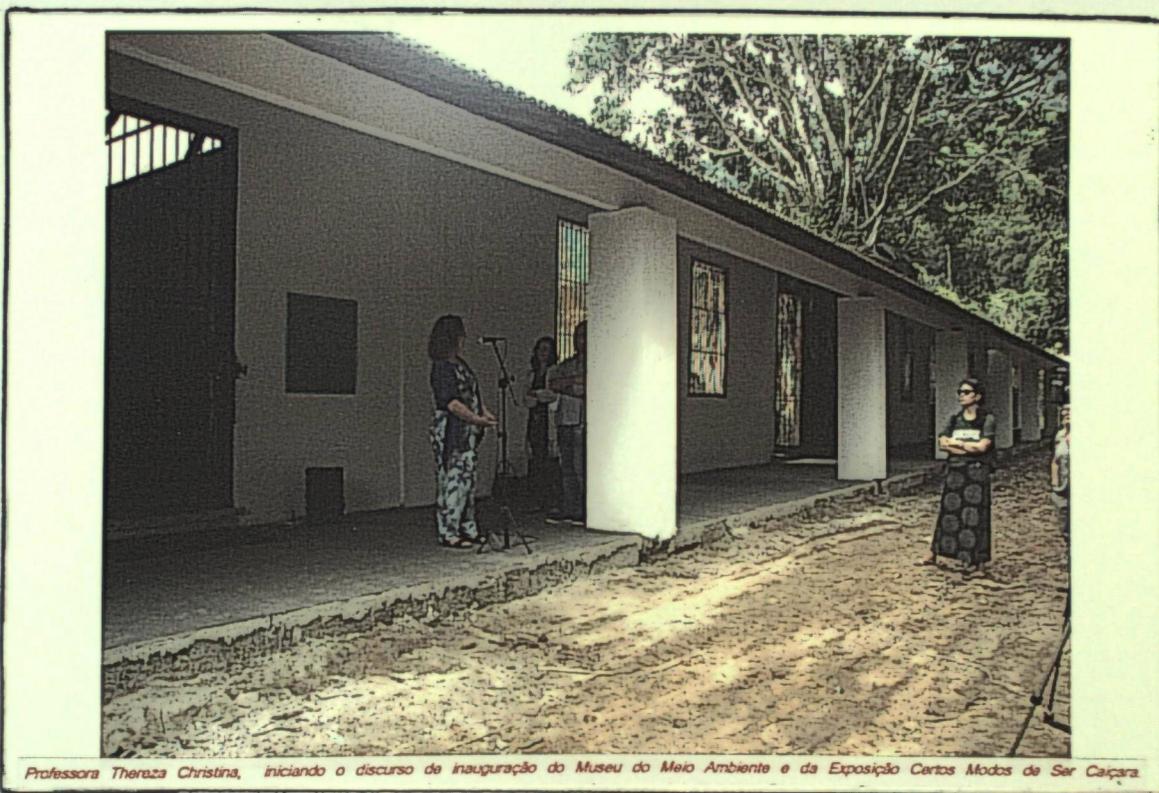
E, o Museu Botânico parece saber manter essa harmonia como poucos lugares no mundo. A preocupação com a Natureza é velha conhecida dos moradores daqui deste pedaço de terra

cercado de água e mata (Vila Dois Rios). Em 1994, a Vila foi desocupada pelo presídio, mas foi só no terceiro ano seguinte que deixou de ser território abandonado a toda sorte para se tornar protegida a sua floresta, vida selvagem, manguezais e todos outros recursos pertencentes ao lugar, desenvolvidos e mantidos sob o princípio da sustentabilidade.

Tal qual esta diretriz fundadora da nova Vila Dois Rios pôde garantir que a Pesquisa Científica desenvolvesse a atividade de Implantação museológica com responsabilidade ecológica e econômica e atingisse níveis de qualidade consideravelmente altos, dada a importância no olhar mundial presente e futuro.

Com minha câmera a mão, fui caminhando de vagar como visitante fosse, logo que chega na entrada do parque botânico encontra duas passagens bem sinalizadas, como se fosse arruados, o que não é, uma delas pela direita permite andar encantado; caminhei com paciência sobre a fundação dos alicerces pavimentados, quer dizer o pavimento, das antigas oficinas que desemboca no calçamento feito agora de pedras talhadas manualmente pelos presos talhador de pedras no tempo da Colônia Agrícola do Distrito Federal (CADF), defronte ao prédio sede do Museu Botânico, o trecho é onde os internos trabalhavam, como na serraria o interno Niquissé, por muitos e muitos anos foi ele o operador daquele engenho o primeiro na extremidade oposta a Lavanderia, bem ali no canto dos muros. Depois desse engenho vinha a segunda oficina desse pavimento, justamente, a carpintaria, onde trabalhava o interno Valter, um interno matrícula 12 mil e qualquer coisa a mais. A terceira oficina era a marcenaria. Depois, a quarta era a tornearia mecânica, onde trabalhava o interno Bira Charuto. A quinta oficina é onde era a sapataria. Dali, atualmente como está permite uma visão ampla do que era o interior da prisão e do seu entorno. Algumas sinalizações e painéis instruem o visitante sobre a utilização do local, hoje, Museu Botânico. Encontrando-se ali plantas, cientificamente reconhecidas, expostas ao público em um cenário bastante atrativo, com ênfase para o viveiro de mudas, ressaltando a importância da flora da ilha.

## MUSEU DO MEIO AMBIENTE



*Professora Theraza Christina, iniciando o discurso de inauguração do Museu do Meio Ambiente e da Exposição Certos Modos de Ser Caiçara.*

Continuando a programação do dia 12/11/2015, mais tarde, também foi inaugurado o Núcleo 3 (Museu do Meio Ambiente), na Vila Dois Rios, sob a coordenação da Professora da UERJ, Thereza de Almeida Rosso. Cujo, a instalação ocupa parte do prédio histórico mais antigo da região, traz todas as características do tempo da sua fundação pelos donatários da Fazenda de Dois Rios e transformado depois na primeira prisão da Ilha Grande a Colônia Correccional de Dois Rios.

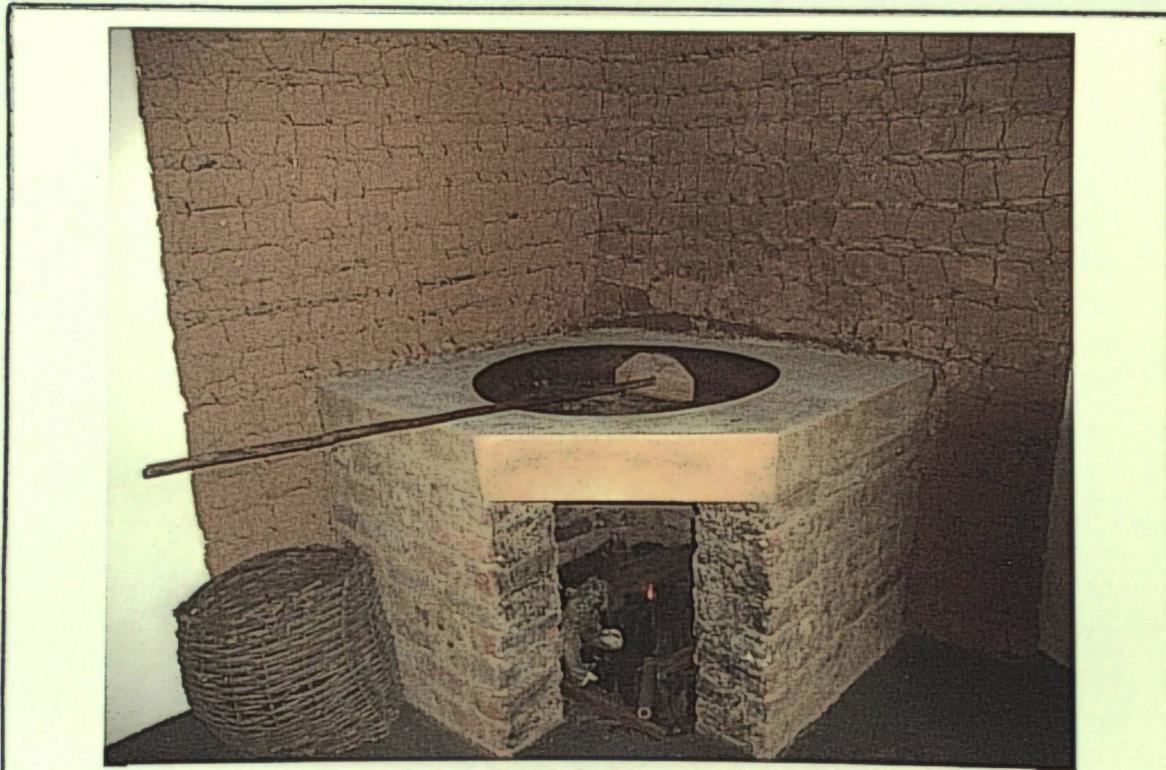
Tem o Museu do Meio Ambiente, como objetivos concentrar atividades relacionadas as pesquisas, preservação, educação ambiental e aos usos e costumes das populações da ilha. Promovendo a interatividade por meio das formas interativas estimuladas com experimentos tradicionais e objetos trazidos para o Museu.

Bem ao lado esquerdo da entrada estão 5 (cinco) quadros dos primórdios de existência do prédio atual o Museu do Meio Ambiente, sua ocupação social baseia-se na escravidão e na produção do Brasil Colonial reduzida com as Leis deixou este prédio e muitos outros aqui na Vila Dois Rios construídos, conforme nos mostra o Alex Borba através do seu trabalho de pesquisador a paisagem da velha fazenda; depois, nela revive a gente da caserna, sobretudo as camadas iniciais do governo; por fim, são animados por generosas inspiração que tem Graciliano Ramos como fiador. Naquela oportunidade ratificou o comunista a condição de vida na caserna, uma passagem nunca mais esquecida sem deixar de ser saudado por integralistas e democratas. Hoje o prédio é vigiado pelo mangueiral do pátio, defronte.

EXPOSIÇÃO

O primeiro evento cultural no Museu do Meio Ambiente \_ uma exposição duplamente convencionada como sendo "Certo Modos de Ser Caiçara", e o seu curador é o Diretor do

Departamento Cultural da UERJ, Ricardo Gomes Lima, a abertura da mostra teve a participação de mais de 70 pessoas.



Obra de Ricardo Lima, na Exposição Certos Modos de Ser Caiçara - Forno a lenha de torrar farinha de mandioca.



Peças expostas por Ricardo Lima, no Museu do Meio Ambiente.



*Sub-Reitora da UERJ, Regina Lúcia, iniciando discurso das inaugurações do Museu do Meio Ambiente e da Exposição Dertos Modos de Ser Caiçara*

Depois de uma semana ou mais de chuva na Vila Dois Rios, o dia da inauguração foi de passarinho cantando nas árvores por perto e bicho gritando de alegria lá longe no alto da montanha na mata. Por sua vez era uma esperada quinta-feira, 12/11/2015, que amanheceu clara de sol fraco, a folhagem das mangueiras ao redor davam sinais de alegria, pertinho e defronte ao Museu do Meio Ambiente, elas tremulavam por todos os lados que a gente olhava, ao vento fresco daquela manhã em curso avançado do dia, a cor verde enfeitava o pátio frontal.

Treze horas, a Comitiva da Magnífica Sub-Reitora de Extensão e Cultura da IERJ, Professora Regina Lúcia Monteiro Henriques, já estava pisando o pavimento todo reservado para ela com tinta nova, pronto para a cerimônia da inauguração.

Num varandão comprido de forma cerrado, se via as colunas sobressaírem perfilhadas a cerca de uns seis passos da onde a gente estava posicionado inicialmente, para ouvir os discursos proferidos; ali por uns minutos todos os convidados ficaram parados apreciando e naquele momento inerte não havia jeito de não se deixar ser atraído pela imponente fachada toda

branquinha do velho e fabuloso galpão, que nos chamava a atenção em meio a paisagem verde e lá nas alturas o telhado enorme vermelho-escuro contrastando com o verde daquela frondosa árvore plantada dentro da outra parte do Museu ainda sem o telhado, ao lado.

Foi quando, de repente, a voz da Sub-Reitora, deixou a todos em quase silêncio. Com o seu costumeiro ritmo de conduzir um discurso, falava a todos, observando se tinha simples gestos artísticos em meio a uma combinação harmoniosa de cores, ali, porém estava próximo da Sub-Reitora o grande curador daquela exposição narrada na voz da mais alta autoridade para falar do assunto, tão logo foi ele chamado, Ricardo Lima, a responder com suas próprias palavras formuladas aos desejos ardentes do público. E, acabou o discurso sendo para a Sub-Reitora e para todos os coordenadores do Ecomuseu, suas palavras podem ser resumidas, aquele homem ali perto era como se fosse a dizer: no mundo não há religião sem Deus, assim como também não haveria inauguração desses museus e dessa exposição se, o brilho daquele curador e ou inventor muito além de um simples organizador de tudo isso.

E foi o que momentos depois, lá dentro do espaço numa volta pelo Salão da Exposição Certos Modos de Ser Caiçara, pudemos ratificar as palavras proferidas no discurso da Sub-Reitora e a imagem da perfeição do curador Ricardo Lima, aclamado pouco antes no discurso, sendo ele o verdadeiro dirigente dos destinos do projeto. Sem ele, talvez, nada seria feito. Obrigado, Ricardo. Está aí; você é realmente o grande mestre. Não somente nós da comunidade nos espelhamos, mas, também os seus pares da mais alta hierarquia dentro da área sua na UERJ.

E, ainda digo mais, encontra você nos mínimos detalhes ao percorrer com atenção a Exposição toda; neste momento de apreciação da arte e da literatura, no arranjo, na colocação tão bem concatenada, não se deixa de venerar nunca o próprio curador; ali se encontra representado pela cuidadosa pesquisa do tema tratado.

E, no seu modo elegante e técnico de apresentar um tema, no caso aqui, ver se perfeitamente alguns jeitos de viver do povo do litoral, suas práticas de viver, sobrevivência, na pesca, agricultura, moradia, crenças, produção de viveres. Aí vem a lenda a arte de um antepassado saudoso atuante do homem nativo, que tem agora no museu um jeito de preservar a memória, é uma das formas de discutir a história. Ricardo Lima procura trabalhar este passado, neste sentido no dia 12/11/2015, data em que se deu a inauguração deste núcleo, recentemente restaurado, inaugurou uma mostra da cultura caiçara e coloca no foco, não as diferenças regionais desse povo mas sim o rememorar o prestígio de vários personagens remanescentes, quase sempre um clã de alguns dos povoados da Ilha Grande e são eles grandes ícones da existência e da luta pelo litoral como ele é com seus hábitos.

Mais do que significar comemoração, porém, a data do dia 12, reforçou o reconhecimento e a necessidade do preservar o atual cenário dos insulares (antigas pessoas que ainda moram na região litorânea) e, que leva uma vida simples e rústica, em geral viveram da pesca e da agricultura doméstica, quando não seus pais, avós que se espalharam pelo algum tempo, e juntos com outros habitantes fundaram colônias de pescador, comunidade etc..

E algo mais. Não param por aí lutam por essas localidades lendariamente atribuídas às que hoje conhecemos, onde se encontra os filhos nativos da ilha, muitas das vezes, alguns deles mesmos se intitulam com suas próprias palavras, como aqui na Vila Dois Rios tinha até pouco tempo o Dica, atualmente vivendo lá fora no continente, a princípio, em Angra, na grande Japuiba. Orgulhava-se de dizer que era um, "minhoca da terra" (filho nativo da Ilha Grande).

Alguns, provavelmente, têm raízes no Estado do Rio (região Sul Fluminense), outros são de outras regiões e até estrangeiros. Neste momento toda imaginação é possível, mas, mesmo com essa diversificação não é difícil localizar os primeiros núcleos do povo caiçara na ilha, onde ainda vigora o regime patriarcal.

Nos povoados das praias da Ilha Grande, quando você chegava, nos idos anos da segunda metade do século XX, no tempo do Presídio Cândido Mendes, na casa o homem chefe indiscutido da família oferecia seu "cafezin" buscado lá no "burrai" servido na canequinha esmaltada e a farinha da roça, sua mulher mandona da clã feminino, seus irrecusáveis biscoitos.

— Os filhos trabalhavam a terra e a pesca às ordens do pai e as noras executavam todos os labores femininos a mando da sogra. As filhas casando pertenciam à outra família.

Esses patriarcados originaram ao longo dos tempos os núcleos que restam ainda dos legítimos caiçaras na ilha.

E por eles se formou um povo hospitaleiro, trabalhador na pesca e na agricultura, organizado, amante da beleza natural e de certa criação artística, nascendo daí o "calango" dançado e cantado por muitas e muitas décadas daquele século.

Os caiçaras se espalharam pela ilha e continente ocupando de alto a baixo numa época as praias, conforme foi o caso da Parnaioaca, Caxadaço, Lopes Mendes, Sitio forte, Bananal e muitas outras localidades na orla insular e mesmo a continental, ocuparam na ilha todas as praias e continuaram povoando vilarejos, como foi o caso do Aventureiro e outros, e deixaram relíquias, que quase permitem desvendar o passado.

Esses povoados foram se modificando de acordo com a economia local e a legislação, e foram perdendo as suas tradições seculares.

Dificilmente podemos datar seus longínquos acontecimentos. O fluído tempo foi muita vez reorganizado em épocas diversas e com isso mudando o modo de viver como foi o caso da implantação do Lazareto e logo depois as prisões, como exemplo, eliminando práticas pré-existentes.

O que nos deixa perplexos sendo difícil situar antigos acontecimentos. Os eventos caiçara permanecem no incerto amanhecer da história, que com a vinda do Ecomuseu, Ricardo Lima, Angélica Liaño e outros ... da UERJ, começa a ser contados, conforme visto nesses dias de Exposição, na mostra reunida aqui neste espaço da "Certos Modos de Ser Caiçara", o que nos reflete o respeito e a seriedade dos fatos da pesquisa fruto da busca de muito trabalho, perseverança, capricho e conhecimento científico, e além de tudo artístico, literário e poético.

O que fazem-nos meditar sobre a vida dessas pessoas de quem tudo ignoramos, passado remoto. Só sabemos, porque vocês: (Ricardo Lima e Angélica), nos contaram o que deles agora sabemos. É assim; todos nós ganhamos deles o gosto pela ilha por hereditariedade, herança ou por imaginação.

Graça a você Ricardo Lima, diretor do Departamento Cultural da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e curador perfeito da "Exposição Certos Modos de Ser Caiçara", observamos no presente o tempo passado, pela colaboração da divulgação da história que nos traz com esmero e capricho a organização de uma mostra caiçara.

Como ninguém, você sabe de forma criativa e divertida trazer conhecimentos e, prazer de apreciar o trabalho seu que fica a inúmeras gerações de jovens brasileiros e de outras nacionalidades.

A sua inteligência e a sagacidade artística tem uma delicadeza e sensibilidade que permanece no imaginário da gente. Parece que aqui nesta mostra, aproveitando o espaço do Salão do Museu do Meio Ambiente, não há concessões,

torna alguns personagens vivos: um da Vila Dois Rios, outro da Parnaioca, outro do Aventureiro e vários outros, essas localidades todas e a Ilha Grande. Mais conhecidos.

Amplia, o universo de adultos e crianças com bons conjuntos de valores, materiais, humanos, da cultura, de artes e ensinamentos aprendidos naturalmente, numa evolução artística importantíssima. Não sem motivo, pois é, ricardo é amigo das pessoas e se corresponde com o meio e as artes.

A cada exposição que você apresentou aqui na Ilha Grande, viera uma nova aventura, é como se tivesse virando páginas de um livro de contos de um grande escritor, quase que um encontro inesperado com o público adulto.

Enquanto que o público infantil ainda aguarda um pouco mais um outro campo, do mundo deles, sem dúvida, um céu estrelado, de mitologia e contos clássicos dos mitos brasileiros, sem abandonar, a gramática, a história, a aritmética e a geografia olhada de maneira lúdica deliciosamente e criativa. Ai está um parâmetro a arte e a maneira do artista contar... contar... contar... a história.

Mas o que fica aqui na Exposição a meu ver é uma idéia de como mostrar uma história de um povo que veio surgindo de um bojo confuso em que se juntam personagens de épocas, feitos artísticos, um heroísmo e dedicação.

Histórias que numa comunidade mais ou menos grande levaria às vezes séculos para ser contada e selecionar suas histórias e torná-las indissolúvelmente ligadas à sua estrutura comunitária.

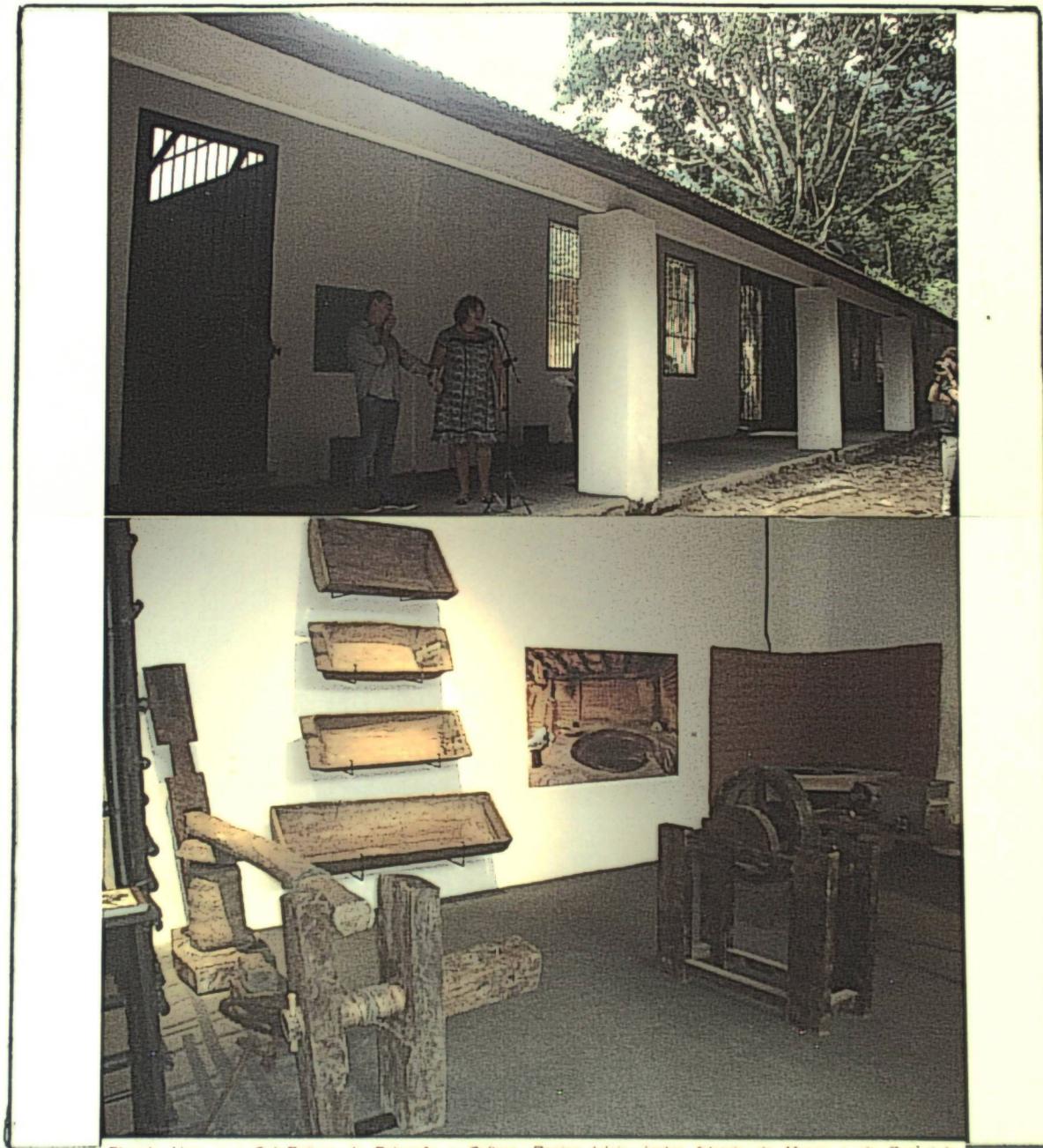
Pois, bem, os personagens transformam-se em símbolos, as lendas promovem uma espécie de culto dos antepassados.

Olhando por este ângulo os caminhos a seguir devam serem apurados para os jovens que as vezes se encontram às voltas com o excesso de estórias, mitos ou fábulas em vias de provocar náuseas narrativas.

Um caminho bom merece fazer uma limpeza no terreno, com a rejeição dos ingredientes mais grosseiros dos casos contados, na busca de um plano para justificar as histórias do nosso povo.

Por outro lado é sempre uma boa prática pegar os mitos que temos e coloca-los em poesias. Misturando com facilidade eficiência o racional e o poético como você fez Ricardo Lima, no seu trabalho até agora. Por isso esta Exposição justifica tudo isso e muito mais ainda, valoriza o espaço deste Salão do Museu Meio Ambiente, que foi reformado e de certa forma modernizado.

Obrigado, por doar tanto para o meu conhecimento e de muitas outras pessoas que por certo passarão por aqui dentre algum tempo. Até a próxima vez, esteja certo. A nós compete prestigiar iniciativas assim \_ e abençoar figuras idealistas e dedicadas que doam o seu tempo precioso para o sucesso da causa que abraçaram.



*Ricardo Lima e a Sub-Reitora de Extensão e Cultura, Regina Lúcia, juntos falando do Museu e da Exposição*

#### EXPEDIENTE

OS TEXTOS e ILUSTRAÇÕES – são da inteira responsabilidade de Hotair, Rua Paraná, nº. 09, Vila Dois Rios, Ilha Grande, RJ.